

A Nova Carta de Caminha

Everlam Elias Montibeler

Romulo Patrick da S. Santos

- Está lá???

Olá meu amado Rei, aqui quem fala é o Pero Vaz. Está me ouvindo bem?

Peguei emprestado o celular de um nativo aqui da nova terra.

Tudo bem, o Capitão Pedro está lhe mandando um abraço.

Chegamos na terça, 21 de abril, mas deixei para ligar no Domingo porque a ligação é mais barata. E aqui tem dessas coisas.

Os nativos ficaram espantados com a nossa chegada por mar, não achavam que éramos Deuses, Majestade.

Acharam que éramos loucos de pisar em um mar tão sujo.

A ligação está boa? Pois é, essa terra é engraçada.

Tem telefonia celular digital, automóveis importados, acesso gratuito à Internet mas ainda tem gente que morre de malária e está cheia de criança barriguda de tanto verme.

É meio complicado explicar.

Se já encontramos o chefe?

Olha Rei, tá meio complicado. Aqui tem muito cacique para pouco índio.

Logo que chegamos à Porto Seguro tinha um

cacique lá que dizia que fazia chover, que mandava prender e soltar quem ele quisesse.

É, um cacique bravo mesmo...

Mais para o Sul encontramos outra tribo, uma aldeia maravilhosa e muito festiva, com lindas nativas quase nuas.

Seguindo em direção ao Sul, saímos do litoral e adentramo-nos ao planalto.

Lá encontramos uma tribo muito grande.

A dos índios Sampa. Conhecemos o seu cacique, que tinha apito mas que não apitava nada, coitado. Dizem até que ele apanha da mulher.

O senhor está rindo, Majestade? Juro que é verdadeiro o meu relato.

Como vossa Majestade pode perceber, é uma terra fácil de se colonizar, pois os nativos não falam a mesma língua.

Sim, são pacíficos sim. É só verem um côco no chão para eles começarem a chutá-lo e esquecerem da vida.

Sabem, sabem ler, mas não todos. A maioria lê muito mal e acredita em tudo que é escrito.

Vai ser moleza, fica frio.

Parece que há um "Cacicão Geral", mas ele quase não é visto. O homem viaja muito.

Dizem que se a intenção for evitar encontrá-lo, é só ficar sentado no trono dele.

Engraçado mesmo é que a "indiaiada" trabalha a troco de banana. É banana!!!

Todo mês eles recebem no mínimo 151 bananas.

Não é piada, Majestade.

É sério!! Só vindo aqui prá ver..

Olha, preciso desligar.

O rapaz que me emprestou o telefone celular precisa fazer uma ligação. Ele é comerciante.

Disse que precisa avisar ao povo que chegou um novo carregamento de farinha.

Engraçado... eles ficam tão contentes em trabalhar...

A cada mercadoria que chega, eles sobem o morro e soltam rojões.

É uma terra muito rica, Majestade. Acho que desta vez acertamos em cheio.

Isso aqui ainda vai ser o país do futuro...

Paulo D'Angelo, publicitário, reescreveu a *Carta de Caminha* e ganhou o concurso "Crônica do Ouvinte" promovido pela Rádio Bandeirantes.

Comentário¹²

Passados 500 anos da carta que mostrou nossa existência ao mundo, parece que não caminhamos para o futuro (desenvolvimento), e sim regredimos. Basta olhar nossos índices de analfabetismo, criminalidade, desemprego, poluição, corrupção e outros mais, para percebermos que a terra mencionada como um

paraíso tornou-se uma frustração para a maioria dos seus habitantes.

Pode parecer piada, mas cedemos nossas riquezas, abrimos nossas matas para o livre comércio, trocamos nossa estrutura construída com o esforço de todos por "bananas" e, ainda assim, nossa dívida não foi quitada. Será que ainda devemos alguma coisa? Será que todos participaram dessas decisões?

A guerra, travada pelos primeiros habitantes contra a destruição de suas moradias pelos invasores, parecia prever o que acontece hoje com grande parte dos habitantes que lutam diariamente não apenas pela manutenção de suas casas, mas também pelo direito da posse de um pequeno pedaço de terra, onde possam construir seus lares em paz e garantir a sobrevivência digna de suas famílias. Será que o ser humano não tem direito a uma vida decente?

Os direitos a democracia e a soberania são pré-condições básicas para a construção de uma nação mais justa. A má divisão das riquezas está presente desde o desembarque do primeiro homem branco no Brasil, quando o direito a propriedade privada foi instituído, dando respaldo à ganância européia.

O trabalho, antes uma obrigação individual exercida por todos com resultado igualmente dividido entre os nativos e exercido quando necessário, não adaptou-se ao modo de produção da civilização moderna. Foi necessária a implantação de um novo sistema produtivo. Alguns passaram a trabalhar todos os dias e a receber em troca algumas "bananas"

¹² O texto respeita o acordo ortográfico vigente no ano de 2000.

sem direito a reclamar (pois esta é a quantia máxima possível para manter a estabilidade e, de outra forma, compromete-se as metas acertadas com os deuses), enquanto que o resultado do trabalho deve ficar nas mãos de uma minoria, pois estes são os novos donos da mata, antes uma propriedade de todos. Será que a parte paga aos trabalhadores é justa?

Os nativos não tinham uma organização complexa, com vários poderes para manter a ordem e a justiça e, mesmo assim, não temos conhecimento de corrupção ou apropriação indevida naquela época. Enquanto que, com todo o aparato da nossa civilização, todos os dias descobrimos que o roubo e a corrupção começam nos poderes que têm como objetivo garantir a igualdade entre todos. Será que podemos confiar na Justiça?

A “educação” do período pré-colonial era diferente da atual. Antes, todos tinham o direito de aprender sua cultura, não existia o ensino privado e nem a necessidade de uma prova para nivelar o aprendizado. Hoje, a educação de qualidade está restrita apenas a algumas pessoas que podem pagar por este "privilégio". E os lugares públicos, onde com todo o esforço algumas pessoas ainda lutam por uma educação com qualidade, vêm sendo destruídos, pouco a pouco, pelos governantes, que preferem um povo fácil de domesticar. Será que ainda temos educação?

Temos que procurar entender como passamos a ser dependentes das outras nações, não apenas em relação a fatores econômicos, mas também a fatores culturais. É necessário mais do que

uma reflexão para entender nossa realidade. É preciso olharmos estes 500 anos de história com um olhar crítico, contra histórias mal contadas e injustiças sociais.

De quem é a culpa? Será que ainda somos o “país do futuro”? Sinceramente, para responder estas perguntas, como as demais encontradas no texto, temos de procurar entender nosso processo de (sub)desenvolvimento no contexto histórico e termos a certeza de que a resposta está em nossas mãos. Desta maneira, teremos a convicção de que é preciso lutar para que, no futuro, possamos reescrever uma nova carta, não de descobrimento, mas para informar que a igualdade social encontra-se nestas terras.